

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

PROJETO DE LEITURA EM ESCOLAS EM TEMPO INTEGRAL: ESPAÇO, VIVÊNCIAS E IMAGINAÇÃO

Tamiris Feltrin¹

Eixo temático: Organização e práticas educativas na educação básica

O presente trabalho tem por objetivo compartilhar algumas reflexões iniciais sobre uma pesquisa de mestrado em andamento. A temática pesquisada envolve um projeto de leitura que é desenvolvido em uma escola que atende crianças em tempo integral, no município de Itapejara D'Oeste – PR, com vistas a se pensar qual a importância de se ter um espaço e tempo específico, na escola, para práticas educativas relacionadas à leitura e que contribuições permitem ao desenvolvimento da imaginação das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A partir disso, a pesquisa tem como um de seus objetivos centrais compreender como ocorre o projeto de leitura com as crianças, que atividades e estratégias de ensino são utilizadas, e analisar as contribuições do projeto à imaginação das crianças. Além disso, há a intenção de se compreender como o projeto surgiu, qual seu intuito e por que a leitura é tão enfatizada nas práticas educativas. Junto a isso, compreender também como as crianças avaliam as ações do projeto, ou seja, entender a partir do ponto de vista delas que contribuições o projeto possibilita às suas formações.

Nesse sentido, a justificativa por pesquisar essa temática é por compreender que a leitura se encontra presente na vida das crianças desde muito pequenas, não sendo algo que nasce com elas, mas que lhes é ensinado ao longo de sua vida. A partir disso, e por considerar os aspectos relacionados à leitura de suma importância às crianças, algumas questões iniciais se tornam orientadoras da pesquisa: Qual a importância de haver um projeto de leitura na escola com tempo e espaço específicos? E como este pode contribuir para o desenvolvimento da imaginação das crianças?

¹ Pedagoga, Mestranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão - PR. Membro do grupo de pesquisa “Educação, Criança e Infâncias” – GPECI da UNIOESTE/FB. Endereço eletrônico: tamirisfeltrin@gmail.com

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

Nessa perspectiva, e mesmo a metodologia de pesquisa ainda não estar completamente definida, é possível já indicar que a pesquisa se situa em um estudo sobre os fundamentos teórico-metodológicos que envolvem a leitura e a imaginação infantil, numa abordagem qualitativa que tem como uma de suas estratégias de pesquisa o estudo de caso (Ynn, 2010). Alguns dos principais procedimentos realizados serão, a investigação em fontes primárias sobre a concepção e processos de leitura, análise de documentos que contenham registros sobre o projeto desenvolvido na escola participante da pesquisa. Também será realizada uma pesquisa bibliográfica atenta ao objeto de estudo (Lima; Mioto, 2007) – livros, artigos, teses e dissertações, publicações e pesquisas acerca da leitura e desenvolvimento da imaginação infantil.

A vista disso, a dissertação envolverá uma pesquisa com crianças, buscando seguir os preceitos do pesquisar com crianças e de tê-las de forma ativa no processo da pesquisa. Visto que, quando a criança se envolve em uma pesquisa, seja como observadora, parceira de diálogo ou protagonista, como no caso desta investigação, ela precisa ser informada sobre tudo que envolve a pesquisa, para que consiga compreender o que está acontecendo e participar de forma mais ativa e consciente. Para isso, é necessário também garantir todos os sentidos éticos e direitos de proteção a ela, assim, o pesquisar com crianças implica em colocá-las como protagonistas, compreendendo-as como atores sociais. Isso significa não ver a criança “apenas como um objeto a ser conhecido, mas como sujeito de um saber”, isto é:

pesquisar com a criança as experiências sociais e culturais que ela compartilha com as outras pessoas de seu ambiente, colocando-a como parceira do adulto-pesquisador, na busca de uma permanente e mais profunda compreensão da experiência humana (Souza e Castro, 2008, p. 52).

Assim, pesquisar *com* crianças envolve mais do que apenas uma pesquisa *sobre* crianças, por mais que estas se encontrem em uma linha tênue, pode-se dizer que toda pesquisa com crianças pode ser também uma pesquisa sobre crianças, porém nem toda pesquisa sobre crianças é uma pesquisa com crianças (Fantin; Girardello, 2018, p. 103). Com isso, os estudos

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

em relação à infância e à criança podem ser entendidos como campos de intersecção entre as disciplinas e questionamentos nos diversos momentos vividos.

Tais estudos, segundo as autoras Barbosa, Delgado e Tomás (2016), partilham de um mesmo objeto de base, porém observados por perspectivas diferentes. Assim, para se compreender como surgiram os campos da infância e da criança é fundamental destacar que a medicina e a psicologia procuram, através das ciências positivas estudá-los e que a pedagogia, por meio de um conceito de infância, muitas vezes idealizado, almeja conhecer e educar as crianças.

Nesse sentido, mesmo que sejam termos próximos, a criança e a infância possuem diferenças, pois os estudos da infância têm por base os conceitos e os da criança o que é feito no presente, ou seja, o aqui e o agora. Por isso, a infância não é uma categoria fixa e estável, mas flexível e híbrida, que ao longo do tempo passou por diversas transformações. Sobre isso, os sociólogos Sarmiento e Pinto (1997), apresentam alguns preceitos sobre os significados da infância e da criança.

[...] crianças existiram sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle o que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII (SARMENTO; PINTO, 1997, p.11).

O que Sarmiento (2007) nos lembra é de que antes de as crianças serem vistas como seres produtores de cultura, existia-se uma invisibilidade infantil, o qual é um fato decorrente de serem os adultos quem contam e escrevem as histórias das crianças a partir de seus pontos de vista e não dos das crianças. Com isso, é de suma importância se compreender como o conceito de criança e infância orientam os estudos da pesquisa em andamento e as relações possíveis de se estabelecer com os conceitos de leitura, linguagem e imaginação na infância.

Ao longo do tempo, estes conceitos sofreram diversas transformações, visto que a criança e a infância não possuíam visibilidade e nem preocupações por parte dos adultos. Desse modo, um dos pioneiros nos estudos sobre estes conceitos é o historiador Philippe Ariès, que



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

por meio de suas pesquisas nos possibilita observar a fragilidade das crianças e sua desvalorização. Ariès (1986), relata que a infância é uma categoria história, por meio da qual, as crianças não eram distinguidas dos adultos, por mais que partilhassem de diferentes rotinas e atividades. Segundo ele, na sociedade medieval, inexistia-se um sentimento voltado à infância, o que não se assemelha à afeição pelas crianças, que seria consciência da particularidade infantil e que a distingue dos adultos. Devido a isso, as crianças eram caracterizadas como adultos em miniatura, ou seja, quando a criança chegava à idade de não precisar mais dos cuidados da mãe e de sua ama, adquirindo uma certa “autonomia”, ela era inserida no mundo dos adultos, participando efetivamente dos trabalhos e afazeres, pois acreditavam que ela já possuía um discernimento seu e do mundo. Esse aspecto perpetuou-se até meados da modernidade.

Nesta mesma perspectiva, segundo Qvortrup (2002), os estudos que começaram a reconhecer as crianças como seres que produzem cultura ocorreram por volta dos anos de 1990, sobre a ótica histórica, social e cultural. Nesse sentido, em pesquisas hodiernas é plausível a observação de que a criança é um ser ativo e histórico que possui uma identidade social, onde participa e produz cultura e a infância é a categoria social desses sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo. Em relação a estes aspectos, é possível dizer que o projeto de leitura desenvolvido na escola participante da pesquisa é de suma importância, pois compreende que ler e conhecer as obras literárias é extremamente viável para o desenvolvimento das crianças e de sua imaginação.

Assim, segundo Vygotsky (1999, 2009), todas as experiências proporcionadas à criança se transformam em apoio para sua imaginação e criação. A imaginação das crianças advém de diversos fatores, principalmente das experiências adquiridas anteriormente no meio cultural em que está inserida, assim quanto mais significativa a experiência da criança, mais diverso será o desenvolvimento de suas formações intelectuais. Segundo essas concepções, o ser humano dispõe de uma atividade chamada de “combinadora ou criadora”, que tem por intuito a elaboração de novas imagens a partir das já existentes na mente, por isso, segundo Vygotsky:



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

a imaginação como fundamento de toda atividade criadora se manifesta decididamente em todos os aspectos da vida cultural, fazendo possível a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia tem sido feito pela mão do homem, todo o mundo da cultura, ao contrário do mundo da natureza, é produto da imaginação e da criação humana baseada nessa imaginação (Vygotsky, 1999, p.62).

Ainda, com relação aos estudos sobre a imaginação infantil, Girardello (2011) aponta a imaginação como um “espaço de liberdade” para as crianças poderem criar e realizar tudo o que desejam e imaginam. Assim, nesta relação entre a criança e a imaginação, podemos constatar que:

Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita. (Girardello, 2011, p. 76).

Com relação ao que foi exposto, é possível apontar que por meio das experiências das crianças com a leitura, elas conseguem vivenciar e interpretar as histórias de maneira própria, o que é fundamental para uma compreensão mais aprofundada e significativa. Assim, a leitura pode ser compreendida, segundo Martins (2023), como “uma atividade básica na formação cultural do ser humano, atende a diversas finalidades, entre elas o senso crítico aguçado e uma maior percepção das diversas leituras intelectuais e do mundo, permitindo assim analisar toda e qualquer leitura”.

Ainda, nas mesmas trilhas do pensamento de Martins (2023), o autor discute que a leitura não é apenas voltada às palavras, mas sim a outros aspectos como os da leitura de mundo que significa observar o que está em nossa volta e ver como o sentido da leitura pode ser amplo, não se restringindo apenas às palavras escritas, mas a um infinito de possibilidades, como imagens, sons, fotografias, situações e tantas outras leituras e interpretações de mundo que nos possibilitam ler antes de se ter contato com a escola. Nesse sentido, Goulemot (1996, p. 107), diz que a “leitura é sempre produção de sentido”, ou seja, cada pessoa atribui um sentido específico à leitura que realiza, por isso a leitura vai além de olhar para algo, ela adentra no imaginário e transforma-se em um ato cognitivo, potencializando a compreensão, sensibilidade

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

e emoção dos sujeitos leitores.

Assim, é importante também pensar sobre a relação professor – criança, que necessita ocorrer de forma recíproca e empática, visto que, por meio das atividades desenvolvidas o professor consegue desenvolver e auxiliar as crianças a elaborarem um pensamento crítico e que os auxiliem a desenvolver sua imaginação. Pois, por meio de atividades críticas envolvendo processos de leitura e com finalidades bem definidas, o professor consegue possibilitar às crianças questionarem suas próprias ideias, analisar as ideologias presentes nas histórias trabalhadas e fazer comparações entre diferentes histórias

Certamente, as práticas educativas com a leitura possibilitam às crianças desenvolverem uma compreensão mais ampla e uma conexão única com a literatura. Assim, é importante considerar a bagagem social que cada criança carrega consigo, visto que nem todas possuem acesso à literatura do mesmo modo. Por isso, a importância de se contextualizar e conectar as histórias com as experiências individuais e pessoais das crianças, para favorecer suas experiências individuais e em grupos e para a produção do conhecimento.

Em relação aos aspectos citados, como a pesquisa ainda está em andamento, não há resultados concretos a serem compartilhados. Contudo, pelos estudos já iniciados sobre alguns autores e pesquisas desenvolvidas, é possível apontar que o projeto envolvendo prática de leitura é de suma importância no desenvolvimento das crianças. Visto que, por meio dos estudos mencionados nesta escrita, as crianças se desenvolvem a partir das vivências que são oferecidas a elas e, neste sentido, a escola tem um papel fundamental na formação das crianças.

Palavras-chave: Infância. Criança. Imaginação. Leitura. Desenvolvimento.



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

Referências:

- ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BARBOSA, C. S. M.; DELGADO, C. C. A.; TOMÁS, C. A. Estudos da infância, estudos da criança: Quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos? **Inter-Ação**. Goiânia. v. 41. n. 1. p. 103 – 122, 2016.
- FANTIN, Monica; GIRARDELLO; Gilka Elvira Ponzi. Cenários de pesquisa com e sobre crianças, mídia, imagens e corporeidade. v. 37, n. 1. Florianópolis: **Perspectiva**, jan./mar. 2019. p. 100 -124. Disponível em: < *2175-795X-rp-37-1-100 (1).pdf > Acesso em: 27 de agosto de 2024.
- GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. v. 22, n. 2 (65). Campinas: **Pro-Posições**, maio/ago. 2011. p. 75-92. Disponível em: < www.scielo.br.pdf > Acesso em: 27 de agosto de 2024.
- GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- NASCIMENTO, Maria Letícia. Estudo da infância e desafios da pesquisa: estranhamento e interdependência, complexidade e interdisciplinaridade. **Childhood e philosophy**. Rio de Janeiro, 2018. v. 14. n. 29. p. 11 – 25.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira&Marin Editores, 2007.
- SOUZA, Maria Abigail de; CASTRO, Rebeca Eugênia Fernandes de. Agressividade Infantil no Ambiente Escolar: Concepções e atitudes do professor. Disponível em: Acesso em: 03 abr. 2011.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Apresentação e comentários Ana Luíza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.
- YIN. Robert K. **Estudo de caso**. Planejamento e métodos. 4ª ed. Porto Alegre. Bookman, 2010.